

# Hospital de Base, aos 44 anos, tenta vencer a crise

O gigante de 80 mil m<sup>2</sup> ganhará mais um prédio de 12 andares e espera sanar os problemas provocados pela excessiva demanda

PAULA BITTAR

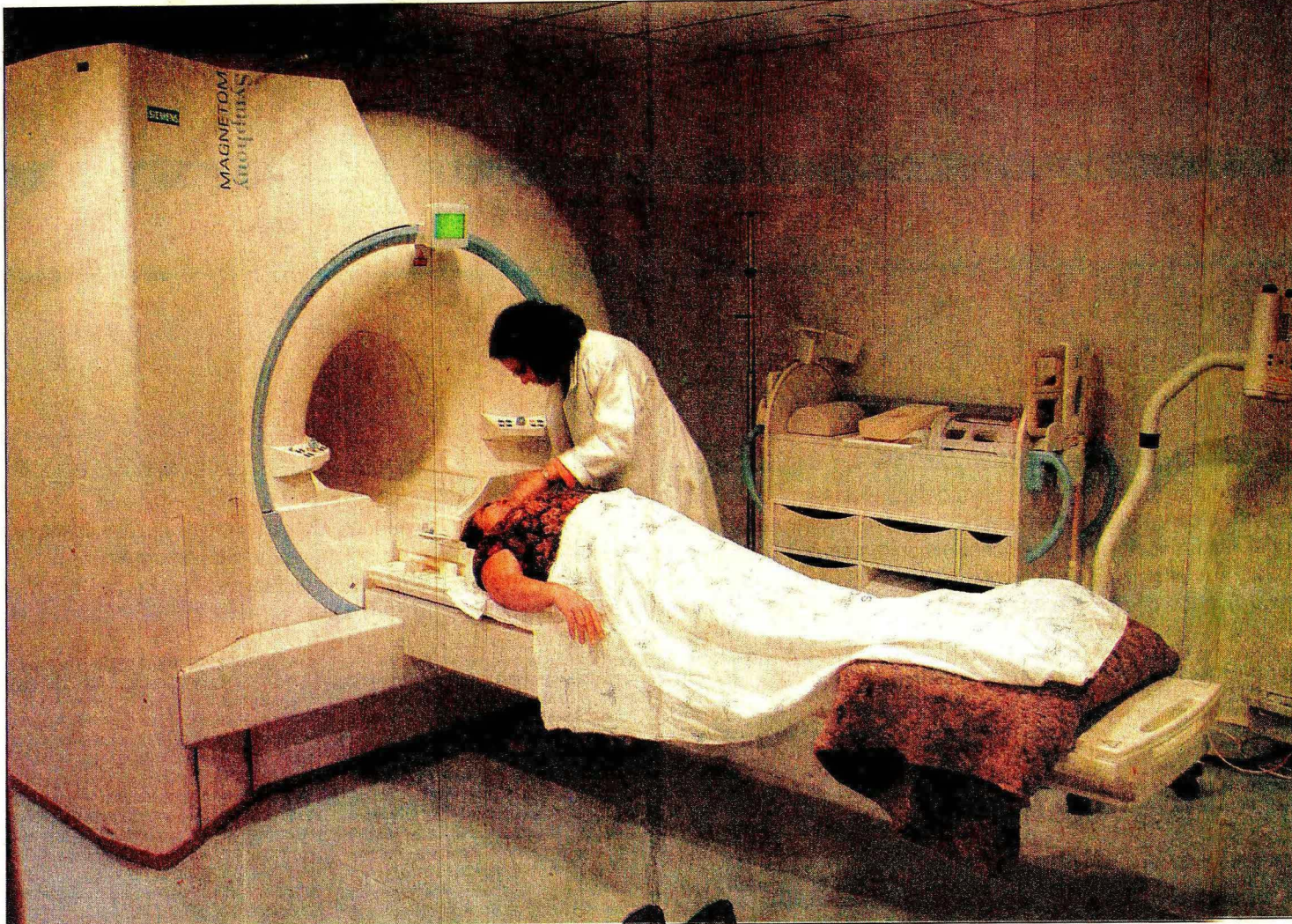
Às vésperas de completar 44 anos de idade – no próximo dia 12 de setembro – o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) vive na fronteira entre o moderno, digno de países desenvolvidos, e o extremamente velho.

Enquanto a emergência, com capacidade para 100 pessoas internadas, chega a internar até 250 pessoas, espalhadas em macas pelos corredores do hospital, um aparelho novo de hemodinâmica, orçado em R\$ 1 milhão, capaz de salvar vidas sem necessidade de cirurgias, como nos casos de aneurisma, está em fase final de implantação.

O hospital abriga o único aparelho de ressonância magnética da rede pública de saúde do DF, que tira chapas de órgãos do corpo humano com muito mais precisão do que os aparelhos de raios X. Ao mesmo tempo, mais de 1.400 pessoas esperam na fila por um transplante de córnea, enquanto cerca de 170 aguardam um rim.

Os leitos de UTI adulta são 28, 10 a mais do que há seis meses, mas ainda não são suficientes para todos os pacientes que precisam, o que explica as filas para o transplante – não há espaço para os pacientes no pós-operatório.

O Sindicato das Indústrias de Construção Civil (Sinduscon) já se comprometeu a fazer as obras para a implantação de mais 12 leitos. O problema é que a reforma tem si-



**RESSONÂNCIA** magnética: o único aparelho da rede pública está no Hospital de Base. Ele permite ao médico um diagnóstico mais preciso

do constantemente atrasada, ora por causa de dificuldades no projeto, ora por causa de problemas na divisão de quais construtoras arcarão com quais custos.

O hospital atende cerca de 2.500 pessoas por dia no ambulatório e na emergência. São 4 mil servidores – sendo 862 médicos – trabalhando no gigante de quase 80 mil m<sup>2</sup> de área. De acordo com o diretor,

o cardiologista José Carlos Quinágua, não é à-toa que tem problemas.

– Algumas coisas precisam ser mudadas. Ainda tem um corredor muito mal planejado, que torna quase impossível fazer o transporte do paciente, ainda são muitas as pessoas que aguardam atendimento, mas nós temos feito de tudo para sanar os problemas o mais rápido possível –

afirma o diretor.

O maior motivo para comemorar, de acordo com Quinágua, é a proximidade da conclusão do Plano Diretor do hospital, prevista para novembro, e orçado em R\$ 460 mil. Na metade do planejamento, a empresa de arquitetura hospitalar contratada já projetou um novo prédio para o hospital.

Com 12 andares, o novo

prédio abrigará um centro de cirurgias de alta complexidade – o que dará mais espaço para os transplantes. O diretor planeja, com o aumento do espaço, implantar os transplantes de coração, medula óssea, fígado e pulmão.

– Nós já temos gente capacitada, que faz essas cirurgias na rede particular. Só falta mesmo o espaço – garante.

A central de diagnósticos por imagem e o laboratório de patologia clínica serão transferidos para o prédio, dando mais espaço ao ambulatório. Além disso, dois andares do novo bloco serão destinados a uma praça de humanização, um local de espera que trará mais conforto ao paciente que precise fazer exames.

Enquanto o plano não fica pronto, outros ajustes já estão sendo feitos. A reforma do teto do ambulatório deve ficar pronta dentro de, no máximo, dois meses, uma sala cirúrgica nova foi doada pelo Rotary Clube, no Lago Norte, e outras três foram compradas pela Secretaria de Saúde. Com isso, a expectativa é que o hospital feche o ano com 10 mil cirurgias realizadas, superando as 8 mil do ano passado.

De acordo com o diretor, um dos grandes motivos para a superlotação do hospital é a grande quantidade – cerca de 61% – de pacientes que vêm de fora do DF procurar atendimento. Como o fato não tem solução imediata, ele aposta nas reformas como maneira de melhorar a situação.

– A gente corre atrás da ajuda de empresas, enquanto o plano não fica pronto. É muito trabalho, mas tem uma causa que justifica tudo isso: o paciente – resume o diretor.

As festas em comemoração aos 44 anos do hospital ocorrerão nos dias 9 e 10 de setembro, quinta e sexta-feiras (*ver quadro*).

## Histórico e capacidade

– O Hospital de Base do DF (HBDF) foi inaugurado como Hospital Distrital em 12 de setembro de 1960

– Virou Hospital de Base em 7 de outubro de 1976

– Em 1979, com a implantação do Plano de Saúde do DF, virou hospital terciário, recebendo pacientes mais complexos, triados e encaminhados pelos hospitais regionais

– Tem área de quase 80 mil m<sup>2</sup>

– Possui quadro de 4 mil servidores

– São 700 leitos de enfermaria, 28 leitos de UTI adulta e 12 de UTI infantil

– Atende cerca de 2.500 pacientes no ambulatório e na emergência todos os dias

– É referência na área de politraumatizados, atendendo cerca de 700 vítimas de trânsito por mês

## Programação das comemorações do aniversário

### Quinta-feira (9 de setembro):

9h – Solenidade de abertura com a presença do secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino  
9h20 – Culto Ecumênico  
9h45 – Apresentação musical de clarinete e violão clássico  
10h – Coquetel  
10h15 – Apresentação de músicas Gospel e MPB  
10h30 – Palestra sobre o câncer de mama  
11h30 – Apresentação de violinistas  
13h30 – Apresentação do Coral Confraria do Canto  
14h – Mágica de palco

### Sexta-feira (10 de setembro):

9h – Lançamento do Programa de Combate ao Tabagismo no HBDF  
10h – Palestra sobre motivação e autoestima  
11h30 – Apresentação da peça Ópera do Malandro, de Chico Buarque  
14h – Palestra sobre o que é REIKI  
15h – Apresentação de flauta, violão e percussão